

RAZÃO PELA QUAL MARIA É A MÃE DE DEUS

Margarida Maria⁴⁴
Frei Flávio Pereira Nolêto, O.F.M.⁴⁵

RESUMO

Este artigo, um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso elaborado pela aluna Margarida Maria e orientado pelo Professor Doutor Flávio Pereira Noletto, O.F.M., pretende explicar o lugar que Maria ocupa na Igreja e no coração dos cristãos e porque ela é a Mãe de Deus e da Igreja. Ela é instrumento de união entre Deus e os homens.

Palavras-chave: Maria; Mãe de Deus; Igreja.

INTRODUÇÃO

Maria é a Mãe de Deus porque foi o próprio Cristo quem a escolheu para esta finalidade. Ela é toda privilegiada desde o instante do seu nascimento porque não esteve em nenhum momento sob o peso do pecado. Ela é Santa e sem mácula, um jardim fechado, um dos tantos títulos atribuídos a ela.

Esse artigo propõe-se a explicar através de pesquisas o lugar que Maria ocupa na Igreja e no coração dos cristãos e também pontuar que Ela é um instrumento de união íntima com Deus e com os homens, sendo Mãe de Deus e da Igreja. O estudo do mistério do nascimento de Jesus, e o tema Mariológico tem levado os cristãos a dirigirem-se à Virgem Maria como Mãe de Jesus e também reconhecê-la como Mãe de Deus.

Esta verdade foi estudada e compreendida como pertencente ao patrimônio da fé da Igreja Católica pelo Concílio de Éfeso, no ano 431 d.C. O Papa e os bispos reunidos tiveram que definir algumas questões que os cristãos tinham a respeito de Cristo e de sua Mãe, inspirados pelo Espírito Santo. Estas verdades têm avançado como tema de estudo desde os primeiros séculos até hoje com grande destaque.

⁴⁴ Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Anápolis

⁴⁵ Doutor em Educação e Professor da Faculdade Católica de Anápolis

A verdade de fé: “Maria Mãe de Deus”(João Paulo II, 2008, p.119) tem sido indagada, até rejeitada por algumas entidades religiosas pelo desconhecimento que se tem da doutrina cristã e também por não saberem como é que a Igreja Católica chegou a esta conclusão.

Porque Maria é Mãe de Deus se é uma pessoa humana? Como explicar Maria Mãe do Emanuel que significa Deus conosco? (Mt1,22-23) Quem é esta que Deus escondeu em silêncio reservada para Si? Quem é esta que até Deus lhes era submisso? (Lc 2,51) Ela é aquela que se consagrou como escrava do Senhor à Pessoa do seu divino Filho sob a sua dependência pela graça de Deus.

A veneração e o amor que são atribuídos a Maria Santíssima manifestam o lugar que ela ocupa na Igreja e na vida de cada cristão porque os adotou como filhos e cuida de todos com maternal cuidado. O culto atribuído a Ela é o de hiperdolia, que quer dizer grande veneração e agradecimento pela sua colaboração tão perfeita junto ao plano que Deus esperou dela.

MARIA MÃE DE DEUS E A HERESIA DE NESTÓRIO

Maria, segundo a tradição, nasceu de São Joaquim e Santa Ana, pais pobres, mas ricos na fé. Ela é fruto das incessantes orações de seus pais que sofriam discriminações por não poderem ter filho. E lhe deram o nome de Maria.

Entre as várias interpretações do nome de Maria estão os significados de origem egípcia: “Querido por Deus” ou “estrela do mar”, ou na linguagem semítica “excelsa, eminente, senhora” tão adequada a sua identidade revela o que Ela é em sua pessoa. (Diekhans, 1953, p.10). Assim, ela é pura e sem mancha desde a sua concepção, considerada e interpretada, “cheia de graça” (Lc 1,28).

A nova Eva nascida de forma isenta de qualquer sedução e pecado vem de modo admirável recuperar desde o primeiro momento da sua própria concepção o que estava perdido pelo pecado original, agindo como colaboradora mais fiel de Deus na restauração da humanidade junto com o seu Filho Jesus.

Considerada a morada de Deus no meio do povo e por Deus; “cheia de graça” (Lc 1,28) é motivo de alegria suplicar auxílio desta eminente Senhora. Embora várias traduções existam sobre o nome de Maria e não exista um consenso a respeito, é possível perceber que seus significados trazem em si a mesma essência: Alto, elevado, superior, ilustre, notável.

Maria viveu em plenitude a realidade cotidiana própria das famílias daquela época, conheceu a pobreza, a dor, a fuga, a falta de alojamento, o exílio e a incompreensão. Mas, mesmo assim, estava sempre centrada na sua fé e na confiança em seu Deus. A Sagrada Escritura só fala dela o estrito necessário que Deus permitiu que assim fosse suficiente.

Maria é uma Senhora que se prestou a ser dona de casa como as outras. Mas quem pode calcular qual o verdadeiro valor de uma mãe? Qual a profundidade e largura do seu amor? Quem a tem não sabe o seu valor, quem a perde, perde um pedaço do seu coração! Estas são as mães naturais.

Maria é a escolhida por Deus, segundo São Luiz Montfort (Grignion, 2002, p.30): “Deus ajuntou todas as águas e denominou-as mar; e reuniu todas as graças e chamou-as Maria”. De qual coragem o homem pode usar para menosprezá-la se até Deus quis ter uma mãe? Mãe de paciência, doação, amor, ternura, beleza... Não se encontra uma palavra que lhe seja completa.

Na história da salvação existe uma cooperação constante entre Deus e os homens que vai realizando seu projeto com sua ação prometida. Em Maria há uma inauguração do tempo da plenitude que é o tempo central da história da Redenção. O Espírito Santo vai capacitá-la, cobrindo-a de graças para a missão. Ela está presente no momento decisivo da história.

No Novo Testamento a maternidade divina de Maria aparece de modo explícito quando o anjo diz a Maria: “O Espírito Santo te cobrirá com a sua sombra. E por isso mesmo, o Santo que há de nascer de ti será chamado Filho de Deus” (Lc 1,35). Ela é a Mãe de Deus porque seu Filho é Deus, e por esta razão tem uma dignidade de certo modo infinita por causa do bem infinito que é Deus. Ela é a única criatura que junto com Deus pode dizer ao Filho de Deus: Tu és meu Filho. Mas ela sabe que sua

maternidade divina é puro dom gratuito de Deus e continua a considerar-se, “escrava do Senhor” (Lc 1, 38).

João Paulo II (APUD Orozco, p.30).ensina que ela é “Filha de Deus Pai, Mãe de Deus Filho, Esposa de Deus Espírito Santo – que põe em evidência, num relance, a dignidade excelsa de Maria”. Ela é a filha que Deus encheu da sua graça, Mãe que o Filho pôde escolher e a esposa perfeita do Espírito Santo colaborando, assim, com a Trindade na fidelidade do seu coração, amando e servindo a Deus, no corpo e na alma, para em tudo cumprir a vontade de Deus.

No século IV houve um movimento de protesto porque, segundo Nestório, Maria seria somente a Mãe de Jesus homem, afirmava que só era doutrinalmente correto a expressão “Mãe de Cristo” (CIC, 2000, p.131) porque tinha dificuldade em admitir a unidade da Pessoa de Cristo pela interpretação errada das duas naturezas, divina e humana presentes Nele. A pessoa é o sujeito necessário de qualquer natureza humana individual.

Deus, no seu mistério, pode criar uma natureza humana de tal modo que o “Eu” desta natureza seja um “Eu” divino, ou seja, uma Pessoa humana sem deixar de ser Deus; “A fé católica ensina que Deus, ao mesmo tempo em que formou uma natureza humana no seio imaculado de Maria, se fez Sujeito do homem concebido de Maria por obra do Espírito Santo” (Orozco, 1997, p.21).

É preciso, no entanto, que se compreenda que ao dizer de Jesus que ele é uma pessoa completa deve-se levar em conta sua autonomia, independência, singularidade de qualquer outro, na sua geração, concepção, nascimento e a filiação.

Jesus é Deus porque a Pessoa que sustenta esta natureza é o Verbo de Deus. Nesse mistério Ele é alguém com a natureza humana, mas exceto no pecado. O “Eu” desse homem Jesus é o “Eu” divino, do Filho de Deus (Orozco, 1997. p.22).“O corpo, alma e o espírito compõe a natureza humana e a faz tornar-se um homem completo” (Orozco, 1997. p.22). E o corpo de Cristo é o Verbo Divino feito carne na Pessoa Divina.

Em “Cristo não há uma pessoa humana” (Orozco,1997.p.22), mesmo que esta seja perfeita e tenha todas as perfeições que a natureza humana possa ter, mas com uma

particularidade, está vivificada e atualizada por uma Pessoa Divina. Maria concebeu por obra do Espírito Santo, Cristo verdadeiro Deus e o verdadeiro homem. Dela nasceu a natureza humana de Jesus.

A Pessoa e naturezas são realidades inseparáveis e distintas. “A pessoa é o sujeito necessário de qualquer natureza humana individual”(Orozco, 1997, p. 21). O Verbo de Deus assumiu a natureza humana de modo que o homem assim concebido é homem verdadeiro, pois é verdadeiramente humana a natureza criada que assumiu e que possui sem deixar por isso de ser Deus.

A natureza é o que indica a uma coisa ou pessoa o que é em si, isto é a sua essência. Maria dá ao seu Filho tudo que uma mãe dá e, portanto, Jesus tem tudo que uma pessoa recebe de uma mãe natural ainda que Ele seja a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o que foi revelado pelo Pai: “Este é meu Filho muito amado em quem ponho minha afeição”(Mt 3,17), portanto pode-se chamar Maria de Mãe de Jesus e de Mãe de Deus porque concebeu a natureza humana d’Ele, cuja Pessoa é Divina.

Por volta do ano 428 d.C. o patriarca consagrado bispo de Constantinopla, Nestório, monge e depois sacerdote na metrópole Síria, dotado de grande eloquência, desaprovou publicamente o uso de dar a Maria o nome de “Mãe de Deus,” (*Theotokos*), que deveria ser somente: “Mãe de Jesus” (*Christotokos*) (CIC, 2000, p.131, art 466) homem. Para ele Jesus não era considerado Deus, mas apenas um profeta com grande perfeição; com o intuito de restabelecer a pureza da fé do povo de Constantinopla fez crescer uma Cristologia de forma que Maria deveria ser considerada somente a mãe de Jesus.

Com suas teses Nestório fez crescer uma rebelião com iniciativas públicas sem aprovação do Papa, dizendo que a “Cristologia antioquiana” (Bernard Meunier, 2000, p.99) distinguia com máxima precisão em Cristo as propriedades divinas e humanas, de modo que Maria deveria ser somente mãe de Jesus enquanto homem. E para esclarecer a legitimidade e a propriedade da *Theotokos*, principalmente a verdade no campo genético, o Papa da época, Celestino I, convoca um Concílio em Éfeso para estudar a questão.

São Cirilo, bispo de Alexandria, escreveu em 429 aos bispos e aos monges do Egito condenando as teses de Nestório. Correntes a favor e contra se dirigiram ao Papa

Celestino I, que rejeitou a doutrina de Nestório no sínodo do ano 430. Correndo o risco de ser punido com pena de exílio e excomunhão, São Cirilo enviou ao Patriarca de Constantinopla uma lista de 12 regras consideradas anátemas, que o condenavam e que se resumem em três principais⁴⁶:

- Em Jesus Cristo, a natureza humana e divina são distintas e inseparáveis.
- A Virgem Maria é verdadeiramente Mãe de Deus, porque Jesus Cristo é Deus.
- Em virtude destas duas naturezas em Jesus, (união hipostática), suas propriedades e ações podem ser atribuídas à sua Pessoa: Ele morreu, ressuscitou e salvou o mundo dos seus pecados.

Em Maria seus privilégios e missão são ligados no mistério de Cristo. Quanto mais se aprofunda nele, tanto mais se compreende a dignidade de sua Mãe e o seu papel na história da salvação.

Segundo o Concílio Vaticano II, em Maria devemos evitar dois extremos em relação aos seus cultos e à sua doutrina:

- um falso exagero dos seus privilégios e prerrogativas de modo a fazer dela quase como uma pessoa divina porque há uma infinita diferença entre a sua pessoa e a Pessoa divina de seu Filho.

- a redução de sua importância, ou dúvidas sobre a sua virgindade perpétua ou a sua santidade que, segundo o Concílio Vaticano II: “Na Igreja, Maria ocupa depois de Cristo o lugar mais elevado e também o mais próximo de nós” (LG n.54 p.87).

A devoção Mariana autêntica procede da fé e do amor à mãe e do reconhecimento a sua grandeza.

1. Maria e o nascimento de Jesus

Quando o evangelista fala: “Deu à luz e teve o seu Filho primogênito e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio, porque não havia lugar para eles na hospedaria” (Lc2,7), o nascimento do menino é narrado de forma simples, demonstrando que Maria cooperava intensamente no mistério deste evento, que dá à luz

⁴⁶ Dominus Vobiscum.Papa: Celestino I (422 – 432).**Concilio de Éfeso**. Disponível em: <http://blog.cancaonova.com/dominusvobiscum/2007/04/24/concilio-de-efeso/>. Acesso em 29 de outubro de 2012.

ao seu Filho que é ao mesmo tempo Filho de Deus. Maria e São José cuidaram do recém-nascido com carinho e grande admiração, por não entender completamente o plano de Deus.

A ação de Maria Virgem é o resultado de sua plena disponibilidade do seu sim ao plano de Deus. Ela vive a experiência do parto em extrema pobreza, não tem condições de dar ao recém-nascido nem o comum que as mães costumavam oferecer, nem um quarto preparado com um berço pois provavelmente José, sendo carpinteiro, havia feito um, mas para fugir às pressas para o Egito, deixaram tudo na casa onde moravam levando o estrito necessário.

A expressão “Não havia lugar na hospedaria para eles” (Lc 2,7) é correlacionada com a passagem que fala: “os seus não O receberam” (Jo 1,11); significa, ainda, que Maria está associada ao destino do sofrimento do Filho desde o começo na ação redentora. Entretanto, se é rejeitado por uns é aclamado e adorado por seus pais, pelos anjos, pelos pastores, homens pobres, simples, mas escolhidos por Deus para o primeiro anúncio do nascimento do Salvador.

Quando o anjo diz aos pastores: “Não temais, eis que vos anúncio uma boa-nova que será de alegria para todo povo: Hoje vos nasceu, na cidade de Davi, um salvador que é Cristo Senhor” (Lc 2,10-11), eles saem à procura do menino assim como de Maria, não têm medo e seus corações são invadidos de alegria porque sabem da grande bondade de Deus. E ao contemplar, na pobreza da manjedoura, a Mãe e o menino, passam a celebrar juntos e com os anjos: “Glória a Deus no mais alto dos céus, e na terra paz aos homens de boa vontade”(Lc 2,14). É o encontro do céu e a terra. É a terra recebendo a majestade divina para que todas as coisas se tornem novas.

A família de Nazaré cumpria todas as prescrições descritas na Lei de Moisés e depois de ter completado o tempo de purificação (cf. Lv 12,1-8), também José e Maria vão ao Templo para a apresentação do Menino e a purificação da Mãe. Embora ela não necessitasse de purificação cumpria rigorosamente a Lei do oferecimento (cf. Ex13,11-16), (Lv 1,14); com esse gesto eles manifestam o propósito de obedecer fielmente à vontade de Deus, rejeitando qualquer forma de privilégio.

A apresentação do menino Jesus pode ser vista em duas dimensões; a primeira pela oblação sacrificial de Jesus que pré-anuncia a sua obra salvadora e que culminará

pela sua oblação na cruz. A segunda é a consagração do menino Jesus ao serviço de Deus como seu consagrado como Ana consagrou Samuel a Deus em outra ocasião (cf. 1 Sm 1,10-11.20-28). Isto se confirma com as Palavras do próprio Jesus na sinagoga: “O Espírito do Senhor está sobre mim porque me consagrou e enviou para anunciar a Boa-Nova aos pobres”(cf. Is 61,1);(Lc4, 18-19).Ele mesmo se revela.

Com relação à Maria, a profecia de Simeão complementa a anunciação do Anjo Gabriel dando uma compreensão mais profunda do mistério de seu Filho. Enquanto a primeira anunciação em Nazaré foi a revelação da dignidade real e divina de seu Filho: “Ele será grande, Filho do Altíssimo e Deus lhe dará o trono de seu pai Davi”(Lc1,32), o oráculo de Simeão é como uma segunda anunciação que faz Maria entender que o seu Filho será o Servo sofredor, o Redentor de Israel e de todo ser humano. Ele será “um sinal de contradição” (cf.Is 53,3-10), e ela estaria unida a Ele na sua missão.

Em “uma espada transpassará a tua alma” (cf.Lc 2,35), indica a participação de Maria nos sofrimentos de Jesus, unidos também na dor. Maria abrirá seu coração à espada da vontade do Pai que quis o sacrifício do seu Filho e a sua participação mais íntima nele.

Quando a profecia diz: “A fim de serem revelados os pensamentos de muitos corações”(Lc2,35), nesta revelação se encontrará os pecados que necessitam de perdão, e a necessidade de uma conversão. O Espírito Santo é quem vai convencer quanto ao pecado, e iluminar as consciências para levar a pessoa à conversão. Quanto a esta adesão ou não à proposta do seu Filho, Maria participa como instrumento do Espírito Santo que prepara os corações para a remissão dos pecados e a aproximação da pessoa com o seu Filho.

Na perda e reencontro do menino Jesus no Templo, aos doze anos, Ele se oferece a Si mesmo ao Pai para a obra de salvação, e permanece no Templo para cumprir a vontade do Pai. “Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas do meu Pai?” (Lc2,49). Através deste acontecimento, Jesus prepara sua Mãe para o mistério da Redenção.

E “Jesus lhes era submisso - crescia em estatura, sabedoria e graça” (Lc2,51-52). A submissão de Jesus aos seus pais é a mesma dos filhos naturais; mesmo

possuindo em Si a divindade, não se diferenciou das crianças comuns, também se sujeitou aos educadores desde a infância até a idade adulta. Também é possível deduzir que a sabedoria e a graça lhe eram transmitidas por seus pais humanos por meio do conhecimento das escrituras.

O Filho de Maria é homem enquanto gerado por ela, ela era sua educadora e o Filho lhes era submisso enquanto que ao mesmo tempo era Filho unigênito de Deus como lhe foi revelado pelo Anjo na Anunciação, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, ela O adorava como seu Senhor e Deus e se tornava a mais perfeita das discípulas.

Acreditar na divindade do Filho que às vezes era invisível aos olhos humanos foi um desafio para Maria, sendo possível só mediante a grande fé que ela tinha e o seu coração cheio de graça. Os dons especiais de que Deus lhe havia dotado tornavam-na apta para desempenhar a tarefa de Mãe e educadora. E Jesus podia encontrar nela um modelo a seguir e a imitar, um exemplo de amor perfeito para com Deus e para com os irmãos.

O Catecismo nos ensina que há um Filho único de Deus, perfeito em sua humanidade e em sua divindade, composto de uma alma racional e de um corpo consubstancial ao Pai, e que ele é semelhante aos humanos em tudo, com exceção do pecado. É a explicação mais clara da Igreja dizendo que, sendo Deus Onipotente, realizou em Maria a obra mais perfeita do seu amor.

2. Maria Mãe da humanidade

Na cruz Jesus estabelece nova relação de amor entre Maria e o seu discípulo e com toda humanidade que tem nela agora uma Mãe. E Jesus não poderia deixar um presente maior porque toda pessoa necessita de uma mãe para que possa ter equilíbrio, segurança e sentir-se amada. “Ao ver Sua Mãe e junto dela o discípulo que Ele amava, Jesus disse a sua Mãe: Mulher, eis aí o teu Filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí a tua Mãe” (Jo19,26-27).

Ao olhar para sua Mãe Jesus vê a necessidade de um amparo para sua Mãe que se encontra só e, mais que isso, entrega o discípulo que Ele mais amava a Maria para uma nova missão. Ao usar a expressão “Mulher” deseja indicar um significado mais

profundo: Maria não é somente sua Mãe, mas também colaboradora na obra da salvação. Maria então recebe a humanidade inteira necessitada dos cuidados de mãe.

Aos pés da cruz e no primeiro milagre é possível e compreender como sua presença e cooperação se estendem ao ministério de Cristo. Ambos os casos vêm expressar a maternidade universal de Maria como a nova Eva, mãe de todos os povos da terra a começar pelos seus discípulos. Maria nesse instante, através de João, abraçou todos os homens com o mesmo amor redentor do seu Filho.

As palavras “Eis aí o teu filho” (Jo 19,27) exprimem a intenção de Jesus de suscitar nos discípulos uma atitude de amor e confiança para com Maria, conduzindo-os a reconhecer nela a própria mãe. Segundo os ensinamentos da Igreja João é aquele que de fato a Santíssima Virgem reconheceu como seu filho, mas este privilégio foi entendido para os cristãos, desde o começo como sinal de uma geração espiritual que se refere à humanidade inteira.

Para Maria é ato de dor aceitar outro filho que exige o sacrifício do seu. Mas segundo seu “sim”, não contraria a vontade de Deus, favorece a ela aceitando, oferecendo tudo no silêncio do seu coração. Maria sabe que no sacrifício de Cristo para a salvação da humanidade estabelece também a sua relação com cada um dos cristãos.

Nas palavras de Jesus: “Eis aí a tua Mãe”(Jo 19,27) Ele deixa um convite para que todos os povos também a aceitem como mãe e a tratem como verdadeiros filhos. O culto que a Igreja Católica presta a Maria não é puro sentimentalismo, é a resposta diante do grande valor à sua pessoa, aquilo que ela representa para todo povo cristão.

O discípulo acolheu Maria “entre os seus bens” (Jo 19, 27). A São José, o anjo diz: “Não temas em receber Maria” (Mt 1,20). Entende-se que Deus quer que se leve Maria para casa em ambos os casos, para estar sob seus cuidados, sob sua proteção, e viver em comunhão com ela. Ter Maria em casa é sinal de paz, organização, porque ela não deixa faltar nada, de modo especial o verdadeiro Pão que é seu próprio Filho.

3.Maria Mãe do Amor

Maria é a mãe do Amor! “Aquele que não ama não conhece a Deus porque Deus é amor”(1 Jo 4,8-10). Ela o concebeu em seu coração e depois em seu ventre. Ela é a mãe do amor porque em todas suas ações esta foi a linguagem que sabia falar até

mesmo sem palavras. Suas decisões e ações eram voltadas para o amor que Ela embalava nos braços, que vira nascer. Nas suas tarefas diárias irradiava alegria, profunda paz, por trazer no coração um único desejo, servir o Senhor, amar o seu Deus menino, servir o seu esposo, amar de todo coração o seu Deus Pai. Quem pode imaginar a sintonia que havia naquela família? Uma comunhão de amor.

Para quem quiser ser exaltado no mundo, Jesus deixa uma orientação: “Se alguém quiser ser o primeiro, que seja o último de todos e aquele que serve” (Mc 9, 35). Maria é aquela que serve a Jesus e ensina aos outros a fazer o mesmo: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). A virtude de Maria que mais se destaca é a humildade, esta encontra seus fundamentos na vida interior. A humildade remove obstáculos para que a pessoa receba as graças. Nela Deus teve livre acesso porque seu coração estava aberto.

A humildade verdadeira faz reconhecer quem se é. Em Maria a ausência completa de pecado compreende que seus movimentos naturais sejam todos comedidos pela graça, isto é, perfeitos e em harmonia. Quando diz “todas as gerações me proclamam bem-aventurada porque realizou em mim grandes coisas aquele que é Todo Poderoso” (Lc 1,48-49) não é uma atitude de exaltação, mas é um profundo agradecimento a Deus que exalta os humildes.

Ela é aquela que não teve de que se arrepender por nenhum movimento involuntário da concupiscência da carne. O servir em Maria é o seu ofício próprio, nele emerge o mais profundo amor que uma pessoa humana possa sentir. O amor que fala por si em atitudes e poucas palavras.

O Documento de Aparecida, (p.125) atesta da seguinte forma:

Com alegria constatamos que ela tem feito parte do caminhar de cada um, de nossos povos, entrando profundamente no tecido de sua história, e acolhendo as ações mais nobres e significativas da sua gente. Os diversos títulos e os santuários espalhados por todo o Continente testemunham a fé e a confiança que os devotos sentem por ela. Ela pertence a eles e eles a sentem como mãe e irmã.

Ainda de acordo com o Documento de Aparecida (APU Discurso feito no final do Santo Rosário pelo Papa Bento XVI em 12 de maio de 2007) foi dito que “A Virgem Maria significa para todo povo escola de fé, caminho do amor destinado a levar e a fortalecer a todos no caminho que conduz ao céu”.

Quem encontra Maria em sua vida encontrou a verdadeira Vida, porque só “Jesus é o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6). A verdade, porque nela se encontra a justiça de Deus. Ela quem mais tem semelhanças ao Filho, porque no natural são os filhos se tornarem semelhantes aos pais, aqui, além disso, o inverso também se realiza.

4. Maria Mãe dos pobres

De acordo com o contexto do Antigo Testamento há muito tempo se esperava a vinda de um salvador, várias mulheres sonharam em ser a Mãe do Messias, embora esses sonhos em geral estivessem envoltos na ideia de um Messias Rei, político que acabaria quase que por mágica com todo o sofrimento e pobreza de suas nações. No documento de Aparecida n. 267 fala que: “Com ela, providencialmente unida à plenitude dos tempos, chega a cumprimento a esperança dos pobres e o desejo da salvação” (cf. Gal 4,4). Aqueles que colocam nela a confiança, podem alcançar de modo mais simples a felicidade eterna.

A Virgem de Nazaré teve uma missão única na salvação conhecendo, educando e acompanhando seu Filho até o sacrifício definitivo, perseverando junto aos Apóstolos à espera do Espírito Santo (cf. At 1,13-14). Deus envia para os Apóstolos e para ela os dons do Espírito Santo, mas em Maria Ele tem sua plenitude, por que tem aí livre acesso, porque é considerada como sua esposa.

Assim ela cooperou com o nascimento da Igreja missionária. Como Mãe de tantos, fortalece os vínculos fraternos entre todos, estimula a reconciliação e o perdão e ajuda a família de Deus. Maria inaugura a plenitude dos tempos e junto com a Igreja caminha para a sua consumação à espera do seu Filho que vai voltar.

Na citação “Mas quando veio à plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho único, nascido de uma mulher, nascido na dependência da Lei, a fim de redimir os que estavam sujeitos à lei, para que recebêssemos a condição de filhos adotivos” (Gl 4,4-5), é demonstrada a finalidade suprema da missão de Cristo de transformar o homem velho no novo.

Na escola de Maria em templos e lugares, nas suas aparições como em Fátima, em Aparecida, em Guadalupe, e muitos outros lugares, o pedido dela é sempre o mesmo, ou seja, para que se reze sempre e se façam também penitências pela conversão

dos pecadores. É a mãe preocupada com a salvação dos seus filhos porque Nela aconteceu a obra da Redenção por excelência.

Quantos peregrinos, de modo especial os mais pobres, imploram a sua interseção por muitos tipos de curas e milagres, os mais impossíveis. Alguém pode enumerá-los? Quantas são as penitências que os peregrinos fazem em seus Santuários, todos os anos. Isto é a implantação do Reino de Deus que continua a restabelecer seu povo.

Ela é o caminho mais curto para se chegar a Jesus, embora completamente acessível. As suas orações como Ave – Maria e Salve – Rainha, por exemplo, são pronunciadas pelas criancinhas, por pessoas que não sabem ler e, até, pelos Santos Padres os Papas, enfim, por aqueles que veem nela um consolo, um amparo de Mãe.

O verdadeiro relacionamento de Maria com Jesus se baseia na fé e não somente nos laços de sangue. Maria, mediante a fé, se tornou a geradora do Filho que lhe foi dado pelo Pai pelo poder do Espírito Santo, conservando na íntegra a sua virgindade; com a mesma fé ela descobriu e acolheu a outra dimensão de maternidade, revelada por Jesus no decorrer da sua missão messiânica.

Maria é singular exemplo dentre “aqueles que ouvem a Palavra e a põem em prática” (Mt 12,50). Para ouvir a Palavra é preciso estar em oração e silêncio para que ela passe pelos ouvidos e vá até ao coração e, caindo ali, dê frutos. Para pô-la em prática é preciso ter fé, confiança em Deus porque sua Palavra direciona para a verdade.

Cumprindo o preceito de purificação e apresentação do menino Jesus no templo, Maria e José demonstram sua fé e respeito pelas tradições, independente de suas circunstâncias de pobreza; “E para oferecerem o sacrifício prescrito pela lei do Senhor um par de rôlas ou dois pombinhos” (Lc 2,24). Para eles a verdadeira riqueza está no interior do coração, em servir sempre a Deus.

Na vida cotidiana não se tem tempo. E são tantas ofertas sedutoras, de prazer desregrado, de materialismo e consumismos, com o objetivo de esvaziar a fé. Buscar um Deus da prosperidade que atenda as necessidades sem olhar as necessidades dos outros é ter uma fé superficial.

O Deus de Maria está também na cruz, e “fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5) é tomar a cruz dos sofrimentos e alegrias de cada dia e segui-lo. Este é o convite de Jesus que é o mesmo ontem, hoje e sempre para todas as pessoas.

Aqui na terra o próprio Deus quis estar submisso a Ela. “Fê-la como dispensadora de seus bens, por isso é que se compraz em por suas mãos nos comunicar” (Autor Anônimo, 2003, p.251). Em prol dos pobres miseráveis que estão neste exílio é certa a sua proteção, visto que nunca falta. Poderosa porque vence todos os obstáculos. Universal, porque não faz acepção de pessoas.

CONCLUSÃO

No decorrer dos anos a Igreja tem-se preocupado em encontrar o verdadeiro lugar de Maria na história e no coração dos fiéis. Isto levou a enfrentar grandes desafios, porque além das heresias foi crescente a perseguição do Maligno aos seus descendentes.

Maria é o ponto de encontro entre o divino e o humano. A sociedade moderna hoje questiona: Quem sou eu? E há outras perguntas existenciais sem respostas. Mas para os que creem a resposta é Cristo. Ele domina os pensamentos, domina a história, domina o homem, é questão principal da sua salvação. E sua Mãe é celebrada junto do seu ministério. Cristo veio à humanidade contando com a cooperação humana real. Quis ter uma mãe bendita entre as outras, visto que Ele seria o bendito fruto neste ventre. Em muitas iconografias da igreja se vê Jesus no colo de sua Mãe porque foi através dela que o mundo O recebeu. E é por meio dela que se conhece mais profundamente o Filho e seu Reinado. O mistério de Maria é um convite para novos estudos. Porque onde quer que se adore Jesus também se prestará honra a sua Mãe.

ABSTRACT

This article, an excerpt of Labor Course Completion prepared by student Margaret Mary and directed by Teacher Flávio Pereira Noletto, OFM aims to explain the place that Mary occupies in the Church and in the hearts of Christians and because she is the Mother of God and the Church. She is an instrument of union between God and men.

Keywords: Mary; Mother of God; Church.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Felipe Rinaldo de Queiroz de. *O Socorro da Virgem Maria e as sete dores*. Lorena- SP: Editora Cléofas, 2010
- AQUINO, Prof. Felipe. *A mulher do Apocalipse*. 7ª ed. Lorena- SP: Cléofas, 2005.
- GOMES, Eli Ferreira . *Imitação de Maria, Serviço de Animação Eucarística Mariana*. Anápolis, 2003.
- BÍBLIA SAGRADA. 75ª ed. São Paulo: Editora Ave-Maria Ltda, 1993.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Nº 467. São Paulo, Edições Loyola, 2000.
- CNBB. *Documento de Aparecida V Conferência Episcopal dos Bispos Latino-Americano e do Caribe*, 11ª ed, 2009.
- _____. Brasília, 2007.
- DIEKHANS, Frei Mariano O.F.M. *Maria santíssima – Mãe de Deus e Mãe dos Homens*. Salvador- Bahia: Editora Mensageiros da fé Ltda, 1953.
- GRIGNION DE MONTFORT. São Luis Maria. *O Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, 30º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2002.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium “De Ecclesia”*. *Constituição dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a igreja*. 14ª ed. São Paulo, SP: Editora Paulinas. 1977.
- MEUNIER, Bernard. *O nascimento dos dogmas cristãos*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- OROZCO, Antonio. *Mãe de Deus e nossa mãe*. Coimbra – Lisboa: Edição DIEL – Ltda, 1997.
- JOÃO PAULO II. *A Virgem Maria - 58 Catequeses do Papa, sobre a Nossa Senhora*. 7ªed. Lorena: Cleofas, 2008.
- Dsponível em: www.vatican.com.br. Encíclica Redentoris Mater
- <http://blog.cancaonova.com/dominusvobiscum/2007/04/24/concilio-de-efeso/>